



**A moda e os modos na
Socila: *hexis* corporal e a
fachada da elegância**

*Fashion and manners in Socila: body
hexis and the façade of elegance*

Maria Carolina Medeiros¹

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3740-5936>

Tatiana Siciliano²

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-6867-195X>

[**resumo**] A Socila foi uma escola de boas maneiras fundada no Rio de Janeiro, com grande sucesso entre as décadas de 1950 e 1970, que até hoje é mencionada na imprensa como sinônimo de elegância. Uma de suas fundadoras, Maria Augusta, ensinou a centenas de mulheres o chamado “aperfeiçoamento social”: era importante não apenas se embelezar, mas dominar técnicas de postura e educação do corpo a fim de compor o que Goffman ([1959] 2014) denomina “fachada”. A moda é um elemento da fachada? Quais são os outros? Por meio da análise de reportagens³ sobre a Socila na imprensa (1954-2022), propomos refletir em que medida a elegância é uma construção a partir dos modos; se e como pode ser aprendida por meio do ensino do *habitus* e de uma *hexis* corporal (BOURDIEU, 1983); e refletir sobre roupa e corpo como elementos que se amalgamam em uma produção de sentido.

[**palavras-chave**] **Socila. Moda. Corpo. Fachada. Etiqueta.**

[**abstract**] Socila was a school of good manners founded in Rio de Janeiro, with great success in the 1950s and 1970s, which is still mentioned in the press as a synonym for elegance. One of its founders, Maria Augusta, taught hundreds of women so called “social improvement”: it was important not only to beautify themselves, but to master techniques of posture and body education, in order to compose something that Goffman ([1959] 2014) called “façade”. Is fashion an element of the façade? What are the others? Through reports on Socila in the press (1954-2022), we propose to reflect what extent elegance is a construction based on manners; if and how it can be learned by teaching of habitus and a corporeal hexis (BOURDIEU, 1983); and to reflect on clothes and body as elements which are amalgamated in a production of meaning.

[**keywords**] **Socila. Fashion. Body. Façade. Etiquette.**

Recebido em: 05-04-2022

Aprovado em: 07-10-2022

¹ Doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa “Narrativas da vida moderna na cultura midiática” (PUC-Rio), E-mail: mariacarolinamedeiros@gmail.com.

² Doutora pelo Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ. Diretora do Departamento de Comunicação e professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. E-mail: tatianasiciliano@puc-rio.br

³ Mencionaremos a autoria das reportagens analisadas apenas quando forem nomes conhecidos e/ou a identificação tiver relevância para o trabalho.

Introdução

Em *A hora da estrela*, Clarice Lispector escreve que “as boas maneiras são a melhor herança” (LISPECTOR, [1977] 1998, p. 45). No Rio de Janeiro dos anos 1950, houve uma escola que, para além de ser precursora na formação de manequins e candidatas a miss, ensinava etiqueta a mulheres que não tivessem “herdado” tal *finesse*. A Socila, sigla para Sociedade Civil de Intercâmbio Literário e Artístico, ficou então conhecida pelo ensino de boas maneiras, tornando-se sinônimo de elegância no Brasil, notadamente entre os anos 1950 e 1970. “Fazer Socila” significava aprender sobre embelezamento, vestuário e educação do corpo, configurando o que a própria escola denominava como “aperfeiçoamento social”.

Maria Augusta Nielsen, uma das fundadoras da Socila (a outra era Ligia Bastos, mas foi Maria Augusta quem ficou associada à escola na imprensa), dizia que “nossa mercadoria é a beleza e a educação da mulher. Estamos seguros de que vendemos um gênero de primeira necessidade”⁴. Para ela, que ensinou etiqueta para a família Kubitschek – a então primeira-dama, d. Sarah, e as filhas Márcia e Maria Estela foram suas alunas, o que impulsionou a Socila como “escola para manequins, e depois de aperfeiçoamento social completo”⁵ –, beleza e elegância poderiam ser “aprendidas”.

É esse aprendizado do que aqui entendemos como um *habitus*⁶ (BOURDIEU, 1983), uma construção a partir da moda, mas também dos modos, da educação do corpo, de uma *hexis* corporal (BOURDIEU, 1983), que nos interessa investigar neste artigo. Com o objetivo de compreender e refletir sobre como moda e modos, roupa e corpo se amalgamam na construção do que Goffman ([1959] 2014) chamou de fachada, este artigo tomará como base as narrativas na imprensa sobre a Socila, sobretudo nas revistas *Manchete* e *O Cruzeiro* e no jornal *O Globo*.

A trajetória de Maria Augusta Nielsen também será abordada, pois sua história se confunde com a da própria instituição. “Maria Augusta da Socila” era termo frequente na imprensa como “referência de elegância na segunda metade do século passado”⁷. Foi professora “de toda mulher interessada em ter traquejo social”⁸, circulou na alta roda mundial e inspirou personagem em série de TV. A fachada que construiu para si contribui para pensar sobre a construção de um *habitus*, sobre uma elegância que não necessariamente é herdada, mas pode ser adquirida.

⁴ Ser miss não é mole. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 1971, ed. 21, p. 112. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 17 de janeiro de 2020.

⁵ As chefonas. *O Globo*, Geral, Rio de Janeiro, 1 de maio de 1972, p. 4. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 17 de janeiro de 2020.

⁶ Entendendo por *habitus* o que Bourdieu chamou de interiorização da exterioridade, ou seja, códigos por meio dos quais reproduzimos condições sociais e resultantes do aprendizado empírico; e *hexis* como uma das noções que compõem o *habitus*, relacionada ao aprendizado e à internalização de maneiras relativas ao corpo, a compreensão do corpo como *signum* social.

⁷ Sempre elegante. *O Globo*, Segundo Caderno. Coluna Gente Boa, Rio de Janeiro, 18 de agosto de 2008, p. 3. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 20 de janeiro de 2020.

⁸ Sempre elegante. *O Globo*, Segundo Caderno. Coluna Gente Boa, Rio de Janeiro, 18 de agosto de 2008, p. 3. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 20 de janeiro de 2020.

A elegância está nos detalhes

A despeito da *Socila* ter tido seu auge entre os anos 1950 e 1970, com filiais por todo o Brasil, as boas maneiras, tão valorizadas e ensinadas por Maria Augusta, permanecem como elementos da construção de uma fachada (GOFFMAN, [1959] 2014) quando o que se pretende é ser ou parecer ser elegante. É possível fazer uma analogia com a série *Inventando Anna*, ficção baseada em fatos reais, criada por Shonda Rimes e lançada em 2022 na plataforma de *streaming* Netflix. Trata-se da história de Anna Sorokin (vivida pela atriz Julia Garner), jovem russa que se intitula Anna Delvey – a mudança de sobrenome já é um artifício para deixar para trás o sobrenome que remete à nacionalidade russa. Anna é uma jovem que convenceu a alta sociedade de Nova York de que era uma herdeira alemã. A jornalista Vivian (Anna Chlumsky) quer fazer uma reportagem sobre ela para entender: Anna era uma jovem empreendedora visionária que realmente queria construir uma fundação de arte ou era uma simples golpista?

O que mais intrigava a jornalista – e de fato, aconteceu – é que milionários, famosos e banqueiros conviveram com Anna e acreditaram que ela herdaria um fundo fiduciário, mesmo sem uma prova sequer. Na busca por respostas sobre como Anna conseguiu se passar por uma herdeira alemã, Vivian conversa com um estilista, um homem de nome Val, que foi amigo próximo da jovem golpista. E ele lhe diz que Anna era “legítima”, que “pertencia à sociedade”, algo que ele era capaz de reconhecer por meio dos detalhes. No segundo episódio da primeira temporada da série, Vivian e Val travam o seguinte diálogo:

– Olha, eu vivo de moda. Ando na moda. Conheci muitas riquinhas do Instagram com fome de fama, querendo ser socialites. Querendo ser bacanas. Como querem! Alpinistas sociais. Gente sedenta. Anna Delvey não era sedenta. Anna Delvey era legítima.

– Como sabe disso?

– Pelos detalhes. Você... está vestindo o que acho que você acha ser um vestido bonito. Mas posso dizer que é uma imitação, e não das boas. O tecido é barato, a estampa não bate nas costuras, a bolsa até que foi cara, mas ninguém confunde você com a vida da Park Avenue⁹, escola suíça e fundo fiduciário. E os sapatos... digo, fico com pena de você. Ou seja, detalhes.

– Então, quais são os detalhes da Anna?

– Gente assim já nasce com bom gosto. Não digo noção de moda. É bom gosto de verdade. Anna era discreta. Elegante [Val cita marcas que ela usava]. Ela sabia dizer e fazer as coisas certas. E o vinho... novo-rico sempre escolhe a garrafa mais cara. Anna escolhia como riqueza de gerações. Escolhia pela região, pelo ano. Anna pertencia àquilo. Anna era sociedade¹⁰.

Em *A moda como modo de vida*, Renata Cidreira observa a moda como vetor expressivo, revelador dos valores de uma cultura, que ora “fornece um sentimento tranquilizador

⁹ Região luxuosa de Nova York, nos Estados Unidos.

¹⁰ INVENTANDO Anna. Direção: Shonda Rimes. Shondaland, 2022.

por meio dos mecanismos de adesão e identificação”, ora “permite certos graus de originalidade, de singularidade, atendendo ao desejo de demarcação de um espaço próprio, de afirmação de uma subjetividade” (CIDREIRA, 2009, p. 59). Pensaremos, pois, a afirmação da subjetividade a partir da moda, do vestuário, mas não apenas: como o diálogo acima nos indica, ser elegante depende de vestir o tecido certo, das estampas que se encaixam nas costuras, mas também de um “saber dizer e fazer as coisas certas” e tirar partido de uma *hexis* corporal, de modo que roupa e corpo se amalgamam em uma produção de sentido. Para ser lida como empreendedora audaciosa em vez de golpista e convencer banqueiros e milionários de que era uma herdeira alemã, Anna Delvey criou uma fachada da qual a moda era parte importante; mas era preciso também ter um gestual, um comportamento, uma *hexis* corporal, um *habitus* que convencesse o grupo de que Anna não precisava parecer “sedenta” por fazer parte dele; ela era parte.

O conceito de elegância é construído socialmente baseado em um conjunto de códigos: elegância passa não só pela vestimenta, mas também pela postura, pela contenção dos gestos, pelo modo de falar, pelo modo de ser. E tais códigos possibilitam que determinada pessoa seja lida socialmente como civilizada, como elegante. Aqui cabe uma ressalva: embora um homem elegante seja passível de elogio, são as mulheres que são ensinadas a obter elegância mediante esforço, aprendizado, contenção do corpo. Outrora restritas ao lar, tão logo as mulheres passam a circular no espaço público, lhes são prescritas regras sobre como se portar em todas as circunstâncias possíveis. Neste artigo, observaremos quais são essas prescrições e como elas contribuem, ao longo dos séculos, para a construção de uma fachada (GOFFMAN, [1959] 2014) da elegância e do pertencimento a determinado grupo.

A inculcação de normas de comportamento no Brasil se deu com a chegada da Corte Portuguesa ao Rio de Janeiro, em 1808. Manuais de etiqueta eram importados, sobretudo da França, modelo de civilidade, e posteriormente escritos por autores e autoras brasileiras, com ampla circulação nos séculos XIX e XX. Em 1954, o ensino das boas maneiras na então Capital Federal ganha reforço com a fundação da Socila, considerada por Maria Claudia Bonadio (2004) como parte do rol das primeiras escolas de modelos e manequins do Brasil, quando se tratava de uma profissão não regulamentada.

Até então, a profissão de modelo era exercida por mulheres que, em sua maioria, “não eram profissionais, mas sim moças da sociedade, atrizes e até mesmo *show girls* que desfilavam eventualmente – o trabalho das profissionais se restringia às passarelas” (BONADIO, 2004, p. 52). A Socila faz parte da história da moda, portanto. Maria Augusta conta que muitos costureiros ganharam fama a partir de seus desfiles; no livro *O Brasil na moda*¹¹, que compila histórias, entrevistas e fotos, a Socila é apresentada como algo que “entrou para o vocabulário brasileiro como sinônimo de etiqueta, estilo e beleza” quando “ainda não se falava de manequins ou agência de modelos”; e “por trás dele estava sua criadora, a famosa Maria Augusta, verdadeira papisa da elegância nacional nas décadas de 1950 a 1970” (BORGES citado por CARRASCOSA, 2003, p. 891).

¹¹ *O Brasil na moda* (2003) compila entrevistas e fotos com personalidades famosas da moda no Brasil. A referência aqui citada é uma entrevista de Maria Augusta a Paulo Borges, com edição de João Carrascosa.

Além da relação com o mundo da moda e as manequins, a Socila dava cursos também para mulheres “comuns”, ou seja, que não aspiravam à vida nas passarelas, mas que desejavam um “aperfeiçoamento social”, que era, aliás, o nome de um dos cursos oferecidos. Instituição de grande sucesso, teve filiais Brasil afora; chancelada pelo então presidente Juscelino Kubitschek e pela primeira-dama, d. Sarah, teve seu auge do fim dos anos 1950 a 1970 e é até hoje frequentemente mencionada na imprensa (MEDEIROS, 2022), confirmando sua importância no imaginário até mesmo de quem não viveu nessa época.

Há uma produção de sentido em relação a “fazer Socila”; Maria Augusta frequentava o mundo da moda, conheceu a estilista Coco Chanel, ia a desfiles em Paris, circulava onde bem entendia. De uma família de classe média, ao que tudo indica, ela também construiu sua fachada, dizendo ter estudado em escolas em Nova York – cidade também escolhida por Anna Delvey. Aqui as duas trajetórias se aproximam: Maria Augusta e Anna souberam interpretar os códigos do bom gosto e usá-los a seu favor como instrumento para navegar em uma sociedade à qual originalmente não pertenciam.

Da sociedade de corte à Socila, o processo civilizador

A noção de civilidade e elegância não começou, claro, com a Socila. Como ensina o sociólogo Norbert Elias ([1939] 2011), há um longo processo no qual a civilização que nos acostumamos a considerar como algo que “nos chega pronta e acabada” é, na verdade, parte de um processo em que nós mesmos estamos envolvidos e que pode, indefinidamente, ser remontado ao passado. E “de onde quer que comecemos, observamos movimento, algo que aconteceu antes” (ELIAS, 2011, p. 70). Para compreender esse movimento, o sociólogo alemão utilizou a literatura de civilidade como objeto, *corpus* composto por tratados, guias, livros, manuais, escritos quaisquer que apresentassem, a seu tempo e ao seu modo, regras para tornar a sociedade mais civilizada, concluindo que nada é natural ao homem, e que o processo civilizador é resultado de um condicionamento, de um aprendizado.

Muito antes da fundação da Socila, em 1954, o Brasil se “europeizava” nas modas e nos modos com a chegada da Corte Portuguesa; a historiadora Maria do Carmo Rainho (1995) entende civilidade como um meio de clivagem social, cujos instrumentos passam pela maneira de falar, comer, andar, se vestir e portar. Ela aponta que os bailes imperiais e as alterações na paisagem urbana passaram a exigir uma nova sociabilidade no Rio de Janeiro do século XIX: era imperativo para a sociedade se aristocratizar, adotando valores e costumes que a nivelassem, pelo menos na aparência, aos seus pares europeus, ao mesmo tempo que a distinguisse do resto da população.

A distinção passa pela moda. Beatriz Pires e Renata Cidreira (2021) observam que “as modificações, ampliações e ornamentações corporais instituem novos processos perceptivos do corpo por nós mesmos e pelos outros”, e que tanto a aparência quanto o corpo vestido são um “vetor estratégico na conformação de visualidades no mundo contemporâneo, auxiliando nas dinâmicas de constituição identitária” (PIRES; CIDREIRA, 2021, p. 3). Assim, para as autoras, a “experiência de si” passa, em primeira instância, “pela conquista de novos modos de se vestir e adornar” (PIRES; CIDREIRA, 2021, p. 3). Mas não apenas: a

construção de um *habitus* da elegância requer toda uma *hexis* corporal na qual estão envolvidos gestos, discursos e comportamentos que, para Rainho (1995), conferem uma propriedade distintiva, uma insígnia da “boa sociedade” (RAINHO, 1998, p. 148). Nesse processo, “os cuidados com a higiene, a correção dos modos, as boas maneiras à mesa e a adequação e a distinção no vestir passam a contar quase tanto quanto o dinheiro e os títulos de nobreza” (RAINHO, 1995, p. 139).

Assim, para Marissa Gorberg (2013), as modas e os modos europeus serviam a dois propósitos simultâneos: ao mesmo tempo que integravam, pelo nivelamento da aparência, brasileiros e europeus, distinguiam os que tinham bons modos dos que não os tinham. Esse conjunto de boas maneiras, adequação do vestuário, cuidado com a aparência e higiene obedecia “a uma espécie de ideologia moral da decência, da respeitabilidade e do bom gosto” (GORBERG, 2019, p. 16). Embora as historiadoras se refiram à noção de civilidade no século XIX, vemos a continuidade desse processo no século XX: na retomada da vida pós-guerra, em uma sociedade que vivencia o processo desenvolvimentista do então presidente JK (que governou o Brasil de 1956 a 1961), e, portanto, de mobilidade social, com a ampliação das “possibilidades de acesso à informação, lazer e consumo”, como observa Carla Bassanezi (2002, p. 608).

De acordo com Jacques Revel ([1986] 2009), historicamente, sociedades em plena transformação precisam de “uma linguagem comum e de novos pontos de referência, já que as relações provisoriamente se tornam mais livres e densas” (REVEL, 2009, p. 177). Surgem demandas por novas formas de agir, se relacionar e viver que regulamentem a vida em sociedade, contribuindo para estabelecer novos papéis sociais e dar segurança a uma sociedade frente às mudanças do período. A civilidade, afinal, é “acima de tudo uma arte, sempre controlada, da representação de si mesmo para os outros, um modo estritamente regulamentado de mostrar a identidade que se deseja ver reconhecida” (CHARTIER, [1986] 2009, p. 165).

Nos anos 1950, 1960 e 1970, a Socila era procurada por moças e senhoras “que não pretendiam desfilar em passarelas, mas gostariam de entrar numa sala e andar na rua com a elegância de um manequim”¹². Essas mulheres não tinham interesse em posar para capas de revistas, mas gostariam de saber como se portar e descobrir os melhores ângulos para serem fotografadas em reuniões sociais. Segundo reportagem de 1963¹³, nos cursos da Socila passavam cerca de 800 mulheres por mês, com “defeitos de atitude ou falha de maquiagem que não sabiam como corrigir”. Em comum, entre elas, havia um “desejo de aperfeiçoamento” que proporcionasse “segurança, bem-estar, alegria e sucesso, com aproveitamento máximo das possibilidades de cada uma”¹⁴. Essa demanda por “aperfeiçoamento” e “segurança” não é de ordem individual, uma vez que a noção de civilidade comanda os comportamentos do indivíduo em sociedade; ser civilizado requer, portanto, a habilidade de controlar gestos

¹² Beleza se aprende no colégio. *Manchete*, Rio de Janeiro, ed. 571, 1963, p. 100-102. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2020.

¹³ Beleza se aprende no colégio. *Manchete*, Rio de Janeiro, ed. 571, 1963, p. 100-102. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2020.

¹⁴ Beleza se aprende no colégio. *Manchete*, Rio de Janeiro, ed. 571, 1963, p. 100-102. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2020.

e expressões corporais, causando uma “compulsão de policiar o próprio comportamento” (ELIAS, [1939] 2011, p. 89).

A literatura de civilidade ressalta, ao longo dos tempos, a importância dos comportamentos contidos para o êxito da vida em sociedade. A falta de comedimento tem graves implicações sociais: quem não é capaz de se conter diante dos outros, seja nos gestos, na expressão de suas emoções ou mesmo na fala, sofre a sanção de não ser convidado para reuniões sociais. “E nunca ser convidado significa não ter oportunidade de conhecer e se relacionar com pessoas, muitas vezes fora de seu círculo social, fechando-se uma das portas de acesso à integração social”, observa Maria Cecília Pilla (2004, p. 126).

A aluna da Socila sabe disso: ao longo dos módulos de preparação, ela “recebe conselhos e estuda normas com afinco. Muitas senhoras alcançaram maior sucesso social depois de terem frequentado os cursos da Socila”¹⁵, pois “a pessoa que não comete gafes ou exageros tem seu sucesso social quase garantido”¹⁶. O domínio dessas regras distingue quem é civilizado de quem não é; no caso da Socila, a preocupação das mães com o futuro das filhas fazia com que a escola fosse destino certo das moças que buscavam um “burilamento social”. Segundo Maria Augusta, as mães reclamavam que os colégios instruíam, mas não educavam, e, por isso, recorriam a ela:

Naquele momento o país passava por uma transformação. Aquelas moças eram de boas famílias, mas suas mães já não tinham mais tempo para educá-las, a vida estava mais agitada, as mulheres começando a trabalhar... sentimos que havia a necessidade de formar jovens da sociedade com aulas de etiqueta, postura, maquiagem etc.¹⁷. (NIELSEN citada por BORGES, 2003, p. 891)

Sinônimo de ensino de elegância, a Socila ficou marcada, principalmente, pelo que denominava como “aperfeiçoamento social” para mulheres aspirantes a uma carreira de manequim e miss ou mulheres “comuns”, que desejassem “serviços de aperfeiçoamento [que] tornavam realidade os sonhos de *my fair lady*”¹⁸ – uma referência ao filme estadunidense de mesmo nome, de 1964, que se baseia na peça teatral *Pigmaleão*, de George Bernard Shaw, para contar a história de uma vendedora de flores que se transforma numa dama da sociedade¹⁹. Era o que a Socila prometia: as moças aprenderiam “como ser amável sem vulgaridade”²⁰: as que desejassem trabalhar fora assimilariam “como ser profissional sem

¹⁵ Operação Charme. *Manchete*, Rio de Janeiro, ed. 528, 1962, p. 54-59. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2020.

¹⁶ Beleza se aprende no colégio. *Manchete*, Rio de Janeiro, ed. 571, 1963, p. 100-102. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2020.

¹⁷ Em depoimento a Paulo Borges no livro *O Brasil na moda*. Ver referências bibliográficas.

¹⁸ Se Maria Augusta falasse. *Manchete*, Rio de Janeiro, ed. 967, 1970, p. 136-139. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 25 de janeiro de 2020.

¹⁹ O autor, por sua vez, baseia-se no mito grego de Pigmalião (ou Pigmaleão).

²⁰ Se Maria Augusta falasse. *Manchete*, Rio de Janeiro, ed. 967, 1970, p. 136-139. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 25 de janeiro de 2020.

embrutecer”²¹, ao passo que “a esposa de um político recém-eleito ou de um industrial em ascensão aprenderia a frequentar e a receber segundo a melhor etiqueta”²².

Como já foi dito, Maria Augusta circulava nas altas rodas no Brasil e no mundo, colecionando histórias inusitadas: quando Fidel Castro tomou o poder em Cuba, em 1959²³, ela participou da delegação brasileira que levou escolas de samba para festejar a vitória. Na ocasião, conheceu Che Guevara, que classificou como “um homem charmoso, um cidadão do mundo”²⁴: “Quem nos recepcionou foi Che Guevara. Como chefe da delegação, me sentei ao lado dele e conversamos muito”²⁵, contou Maria Augusta. A informação surpreende e é relevante por ajudar a compreender quem foi Maria Augusta, a mulher que “ensinou o Brasil a ser elegante”²⁶ e, entre os anos 1950 e 1970, “ditava o que era de bom tom em sociedade”²⁷.

Foi, inclusive, personagem de TV: *JK*, minissérie escrita por Maria Adelaide Amaral e exibida na TV Globo em 2006, teve uma personagem inspirada em Maria Augusta e vivida pela atriz Mila Moreira. “Maria Adelaide e eu criamos uma personagem, Maria Alice, inspirada na Maria Augusta, uma figura importante no panorama sociocomportamental nos anos JK”²⁸, declarou ao jornal *O Globo* o autor Alcides Nogueira – embora, depois, Maria Augusta tenha reclamado que não se identificou com a personagem criada: “Tanto Maria Adelaide Amaral quanto Mila estiveram na minha casa tomando meu depoimento. Mas o que se vê no ar são aulas erradas de etiqueta e postura. E a personagem tem hábitos morais muito duvidosos. Não me representa”²⁹.

E o que se aprendia na Socila? Nos cursos de “aperfeiçoamento social”, estava em voga desde os melhores ângulos para ser fotografada e técnicas de maquiagem até o aprimoramento de voz e dicção (“o timbre de voz de uma mulher pode torná-la muito mais bonita”³⁰), passando pelo penteado que mais lhes conviesse (“somente duas entre vinte mulheres sabem qual o penteado que melhor lhes assenta. Preferem usar “o que está na moda”

²¹ Se Maria Augusta falasse. *Manchete*, Rio de Janeiro, ed. 967, 1970, p. 136-139. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 25 de janeiro de 2020.

²² Se Maria Augusta falasse. *Manchete*, Rio de Janeiro, ed. 967, 1970, p. 136-139. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 25 de janeiro de 2020.

²³ As diferentes facetas de Fidel Castro em seus 90 anos. *O Globo*, Rio de Janeiro, 13 de agosto de 2016. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/as-diferentes-facetatas-de-fidel-castro-em-seus-90-anos-19903305>. Acesso em: 23 jan. 2022.

²⁴ Depoimento de Maria Augusta a Paulo Borges para o livro *O Brasil na moda* (2003, p. 893). Ver referências bibliográficas.

²⁵ A batuta mágica. *Revista Carioquice*, seção Chão de Estrelas. Instituto Cultural Cravo Albin, Rio de Janeiro, ano II, número 5, abr./maio/jun. 2005, p. 56-61. Edição em PDF

²⁶ Gugu: porque elegância é fundamental. *O Globo*, Rio de Janeiro, Ela, 2 de julho de 2005, p. 2. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 29 de janeiro de 2020.

²⁷ Gugu: porque elegância é fundamental. *O Globo*, Rio de Janeiro, Ela, 2 de julho de 2005, p. 2. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 29 de janeiro de 2020.

²⁸ Gugu: porque elegância é fundamental. *O Globo*, Rio de Janeiro, Ela, 2 e julho de 2005, p. 2. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 29 de janeiro de 2020.

²⁹ KOGUT, Patricia. *O Globo*, Rio de Janeiro, Segundo Caderno. Controle Remoto, 14 de março de 2006, p. 6.

³⁰ Operação Charme. *Manchete*, Rio de Janeiro, ed. 528, 1962, p. 54-59. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em 01 de fevereiro de 2020.

e isso nem sempre convém”³¹), aulas de ginástica para atingir a “postura ideal”, exercícios de movimentação para aprender a andar com elegância e posar para fotografias, vestuário (“suas roupas devem combinar com seu tipo físico e sua personalidade e há cores que não se adaptam ao temperamento”³²) e um módulo denominado “extensão cultural”, com aulas de literatura, pintura, arte e política para que as moças fossem capazes de “sustentar uma conversa interessante”³³, sem o que todas as lições anteriores não teriam valor.

E, claro, aulas de etiqueta. “Ali a mulher aprende, em linhas gerais, a “se conduzir”³⁴. Cabia à mulher aprender “processos para manter e restaurar a beleza”³⁵ por meio dos “laboratórios”³⁶ nos quais trabalhavam “cientistas da beleza”³⁷, onde “mulheres aparentemente sem charme passam por uma transformação total”³⁸; os “cientistas” da beleza têm “operado milagres e é a atual esperança de centenas de moças que desejam ser manequins ou simplesmente “melhorar um pouco”³⁹, afinal, como vimos, “a pessoa que não comete gafes ou exageros tem seu sucesso social quase garantido”⁴⁰.

O “sucesso social” prometido pela Socila tem a ver com o que Goffman ([1959] 2014) chama de “representação do eu” ou de si. Em seus estudos sobre as interações entre os indivíduos, ele considerou a vida como um palco de representações, e cada indivíduo como um ator social que representa um papel para o qual necessita de máscaras sociais – que podem ser apreendidas por meio de manuais e cursos, por exemplo; bastaria seguir as regras prescritas que a inclusão social estaria garantida.

Dos tratados de civilidade à Socila, a promessa era traduzir normas que dessem segurança aos atores para atuarem nos palcos em que exerciam as relações sociais a fim de causarem uma determinada impressão a quem lhes observasse, obtendo as respostas desejadas. Goffman ([1959] 2014) diz que quando um indivíduo chega à presença de outros, é

³¹ Operação Charme. **Manchete**, Rio de Janeiro, ed. 528, 1962, p. 54-59. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em 01 de fevereiro de 2020.

³² Operação Charme. **Manchete**, Rio de Janeiro, ed. 528, 1962, p. 54-59. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em 01 de fevereiro de 2020.

³³ Operação Charme. **Manchete**, Rio de Janeiro, ed. 528, 1962, p. 54-59. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em 01 de fevereiro de 2020.

³⁴ Operação Charme. **Manchete**, Rio de Janeiro, ed. 528, 1962, p. 54-59. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em 01 de fevereiro de 2020.

³⁵ Se Maria Augusta falasse. **Manchete**, Rio de Janeiro, ed. 0967, 1970, p. 136-139. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em 25 de janeiro de 2020.

³⁶ Operação Charme. **Manchete**, Rio de Janeiro, ed. 528, 1962, p. 54-59. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em 01 de fevereiro de 2020.

³⁷ Operação Charme. **Manchete**, Rio de Janeiro, ed. 528, 1962, p. 54-59. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em 01 de fevereiro de 2020.

³⁸ Operação Charme. **Manchete**, Rio de Janeiro, ed. 528, 1962, p. 54-59. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em 01 de fevereiro de 2020.

³⁹ Operação Charme. **Manchete**, Rio de Janeiro, ed. 528, 1962, p. 54-59. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em 01 de fevereiro de 2020.

⁴⁰ Operação Charme. **Manchete**, Rio de Janeiro, ed. 528, 1962, p. 54-59. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em 01 de fevereiro de 2020.

comum que esses outros procurem obter informações a seu respeito, e que tais informações ajudam a “definir a situação”, “tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar” (GOFFMAN, 2017, p. 13). E mais: se o indivíduo for desconhecido, é com base na sua conduta e na sua aparência, segundo Goffman, que quem lhe observa poderá presumir de quem se trata e, assim, utilizar experiências anteriores e “aplicar-lhe estereótipos não comprovados” (GOFFMAN, 2017, p. 13).

É exatamente o que o estilista da série sobre Anna Delvey nos diz a respeito da protagonista: ele reconhece em Anna a naturalidade de quem pertence a uma classe social abastada porque, entre outros códigos, ela escolhe o vinho pela região e não pelo preço, comportamento que seria mais típico de novos ricos, segundo ele. De algum modo, Anna, que não era rica, aprendeu quais seriam os comportamentos que lhe possibilitariam ser lida como uma legítima herdeira. Anna aprendeu o *habitus* (BOURDIEU, 1983).

Goffman ([1959] 2014) divide a expressividade do sujeito, conseqüentemente a sua capacidade de dar impressão, em duas frentes: a expressão que ele transmite, ou seja, os símbolos verbais, o que fala objetivamente, e a que ele emite, constituída com base em uma ampla gama de ações – mas ambas, a mais objetiva e a mais subjetiva, podem ser dissimuladas a fim de causar uma determinada impressão. Não importa o objetivo que se tenha em mente e a sua razão, para Goffman será do interesse do sujeito regular a conduta dos outros: “Assim, quando uma pessoa chega à presença de outras, existe, em geral, alguma razão que a leva a atuar de forma a transmitir a elas a impressão que lhe interessa transmitir” (GOFFMAN, 2014, p. 16).

A Goffman, e a nós neste artigo, interessa mais compreender as expressões emitidas, a lógica teatral dos indivíduos como atores em um palco a fim de causar determinada impressão. Anna Delvey apreende essa lógica, tal qual era ensinada por Maria Augusta na Socila: “Não se tem uma segunda chance de causar uma boa impressão”, ela dizia. Goffman ([1963] 1982) analisa também que a descoberta de algum defeito secreto desacreditável prejudica a situação social corrente e as relações sociais estabelecidas, interfere nas aparências e na reputação de modo que o estigma e o esforço para esconder ou consertar tal “defeito” se fixam como parte da identidade social. Saber portar-se significa também aprender a esconder seus defeitos desacreditáveis a fim de construir a fachada (GOFFMAN, [1959] 2014) que se deseja aparentar.

Beleza e educação do corpo: a construção do *habitus*

Outrora um dom divino, algo inato com o qual se nascia ou não, a beleza é, historicamente, um atributo feminino (VIGARELLO, 2006; PERROT, 2019). Até o século XVI havia muitas referências às origens divinas da beleza: sinal celeste, dom divino, angelical, associada, por muitos séculos, à parte mais alta do corpo – busto, rosto, olhos –, que manifestava a “verdadeira beleza, a mais perfeita também, porque mais elevada” (VIGARELLO, 2006, p. 13). A beleza não podia ser corrigida, tratada, retrabalhada.

Na sociedade da corte europeia do século XVII, os critérios de beleza ganham o acréscimo da etiqueta e da postura, concretizando novos modos de ver e ser visto no teatro do

cerimonial. A beleza passa a significar também, segundo Vigarello (2006), “ação e comportamento”, traduzindo em comportamento “um mundo vindo de dentro”: “A beleza física ganha em profundidade e interioridade. Ganha também, no fim das contas, nova legitimidade: a do artifício e do embelezamento” (VIGARELLO, 2006, p. 46).

No Brasil do começo do século XX ainda havia um constrangimento em enfeitar-se em nome da beleza. Sant’Anna (2014) aponta que ela era vista como uma obra da natureza, que podia ser realçada, mas sem mudanças definitivas: “Naquele tempo ainda era possível separar a beleza artificialmente criada, retirada do corpo na hora de dormir, daquela considerada natural, um dom de Deus” (SANT’ANNA, 2014, p. 14). É em meados do século XX que a beleza passa a ser entendida como algo passível de ser adquirido. De acordo com Renata Neiva (2018), em sua pesquisa sobre pedagogias da beleza no jornal *Correio da Manhã*, foi na década de 1950 que as mulheres brasileiras, ao folhearem as páginas do impresso repletas de cosméticos e maquiagem, compreenderam que, a partir dali, beleza seria resultado da vontade. A beleza é obtida baseada em uma “rotina de sacrifícios” (NEIVA, 2018, p. 73), de modo que, como observa Michelle Perrot, “as feias caem em desgraça, até que o século XX as resgate: todas as mulheres podem ser belas” (PERROT, 2019, p. 50).

O modelo de beleza que antes não era passível de modificação, pois um atributo divino, acaba por sugerir um “direito quase impensável até então: o do acesso à beleza para todos” (VIGARELLO, 2006, p. 102). A segunda metade do século XX, exatamente quando surge a Socila, marca mudanças nos cuidados com o corpo, que se torna objeto de embelezamento diário. O consumo de cosméticos aumenta no Brasil; Sant’Anna (2014, p. 56) observa que a modernização defendida por JK, cujo lema era “50 anos em 5”, remetia também a um “estilo de governo que parecia rejuvenescedor”.

O tema passa a estar na ordem do dia na imprensa, o que, somado ao apelo publicitário e à evolução dos próprios produtos e serviços, torna o embelezamento um tema “ambicioso e vasto, exigindo cuidados rigorosos para além das partes físicas mais expostas ao olhar alheio. Das sobrancelhas à genitália, tudo no corpo tornou-se objeto de embelezamento diário” (SANT’ANNA, 2014, p. 11). Essa mudança de percepção é crucial e, de acordo com Vigarello (2006), desloca a relação de autoridade, distinguindo quem tem força de vontade (para ser bela) de quem não a tem.

Mas não era tudo. Para Sant’Anna, ser bela significa mais do que ter um rosto belo: “Havia rigores a aceitar e vigiar: era preciso saber andar, se sentar, dançar, descer as escadas, sair de um automóvel e ainda conversar, usar os talheres e sorrir” (SANT’ANNA, 2014, p. 47). Era preciso educar o corpo para vida social em seus mínimos detalhes: “As brasileiras eram estimuladas a se examinarem diante do espelho, a treinarem gestos e posturas dentro de casa”, afinal, mulher bela devia saber se conter: “Gritos, risos longos, choros compulsivos, bocejos, tudo isso podia enfeitar o brotinho e deixá-la solteira para sempre” (SANT’ANNA, 2014, p. 47).

A construção da mulher bela que a Socila fazia nos anos 1950 tinha um destino certo: o casamento. Para alcançá-lo, era preciso uma participação ativa e engajada. Melhorar, aperfeiçoar, corrigir e tratar eram lemas dos “cientistas da beleza” da Socila, um time de profissionais que ensinava às alunas o *habitus*, a elegância, mostrando que beleza também se aprende. Mas para a mulher é também a educação do corpo para a vida social que garantiria,

segundo Maria Augusta da Socila, “segurança, bem-estar, alegria e sucesso, com aproveitamento máximo das possibilidades de cada uma”⁴¹. Tudo isso poderia ser adquirido na Soci-la: “Nossa mercadoria é a beleza e a educação da mulher. Estamos seguros de que vendemos um gênero de primeira necessidade”⁴², como vimos.

A educação do corpo é, para José Carlos Rodrigues, uma “gramática de vital importância para o convívio social” (RODRIGUES, 1986, p. 98). De acordo com o antropólogo, quem não domina os códigos da vida social é alguém “sem modos” que tende a ser discriminado, o que torna necessário o conhecimento dos limites do corpo e as condições de controle às quais ele deve ser submetido. “Não basta sabermos bem a língua pátria, é preciso que saibamos a dicção correta e a altura apropriada” (RODRIGUES, 1986, p. 99).

Rodrigues aponta que a comunicação passa por signos verbais e não verbais, táteis, visíveis e audíveis, “um complexo de informações que tendemos a considerar naturais, mas que estão altamente codificadas e que variam de sociedade para sociedade: uma linguagem, tão coletiva como qualquer outra” (RODRIGUES, 1986, p. 99). Essa noção de linguagem se coaduna com a visão de Stuart Hall (2016) quando ele afirma que os códigos estabelecem uma “tradutibilidade” (HALL, 2016, p. 42) a partir das convenções sociais. Ora, em nossa sociedade há um entendimento construído do que é ser educado, polido, civilizado. Do que significa dominar as regras de etiqueta e o próprio corpo. Como sociedade, em maior ou menor grau, partilhamos desses códigos, os lemos da mesma forma. Há a tradutibilidade uma vez que os mapas conceituais dos quais nos fala Hall (2016) são os mesmos.

Parece óbvio, mas é esse entendimento, se não único, ao menos similar, do que é educado, que possibilita a própria razão de ser da Socila, a ideia de que há um ideal a ser alcançado, há o que ser corrigido, há um “aperfeiçoamento social” a ser empreendido. Segundo Rodrigues, “o social se faz presente nas menores ações humanas” (RODRIGUES, 1986, p. 97), de modo que práticas aparentemente insignificantes traduzem mensagens sobre o que é certo e errado, sobre o que é educado ou mal-educado uma vez que há regras para tudo que diz respeito ao corpo.

Maria Augusta da Socila e Anna Delvey, mulheres diferentes no tempo (uma viveu no século XX, a outra no XXI) e no espaço (Brasil e Estados Unidos), guardam similaridade na compreensão do que é essa tradutibilidade: ambas têm a perspicácia e o talento para apreender os códigos, os signos não óbvios que possibilitam que uma mulher seja lida como alguém que tem bom gosto, e conseguiram traduzi-los, aplicando-os a si mesmas ou ensinando-os a outras mulheres. Diferem também nos objetivos: uma ensinava as mulheres a se portarem, tendo como objetivo o casamento; a outra queria montar uma fundação de arte. Maria Augusta empreendeu; Anna tentou dar um golpe para empreender. Em comum, as duas navegaram, ao seu modo, em um campo de possibilidades, como diria Gilberto Velho (2013). As duas entenderam que havia algo exterior a elas, importante para que circulassem por onde desejavam, e que poderia ser aprendido.

⁴¹ Beleza se aprende no colégio. *Manchete*, Rio de Janeiro, ed. 571, 1963, p. 100-102. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2020.

⁴² Ser miss não é mole. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 1971, ed. 21, p. 112. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 17 de janeiro de 2020.

O aprendizado da *hexis* corporal era fundamental tanto para Anna Delvey quanto para a mulher que fazia Socila. Entre as apostilas que guiavam as alunas, havia 193 páginas dedicada à temática denominada *Linguagem do corpo – Método Maria Augusta*, divididas entre volumes 1 e 2, entendendo o corpo como um “sistema de expressão” (RODRIGUES, 1986, p. 97) cada vez mais carregado de conotações. O conteúdo do volume um é dedicado majoritariamente à postura, referida ora como questão de saúde⁴³ (“muito prejudicial principalmente à saúde é a postura abatida, desencaixada”), ora como ativo no convívio social (“tão importante que atua como cartão de visitas individual, influenciando a atitude e a reação das pessoas em relação a nós”); há 102 páginas dedicadas a identificar se a postura da mulher (representada em figuras ilustrativas e na linguagem) é adequada e como melhorá-la a todo custo. Afinal, “a postura correta, repetimos, é responsável pela boa impressão que você causa nos outros, pois determina o seu modo de andar, o seu porte, a sua aparência e até mesmo o seu próprio bem-estar”⁴⁴.

Faz sentido quando pensamos que classificamos as pessoas quanto à sua aparência, aplicando ao corpo “crenças e sentimentos que estão na base da nossa vida social” (RODRIGUES, 1986, p. 46). Tendo isso em mente, as orientações posturais⁴⁵ variam de colocar “um saco comum de tecido ou papel com dois orifícios no lugar dos olhos, e alguns metros de cadarço branco” a fim de fazer “um levantamento sincero das impressões gerais de sua silhueta” para “verificar que áreas de seu corpo vão precisar de maior concentração de exercícios corretivos”; passando por colocar “um saco de areia na cabeça, mantendo o queixo paralelo ao chão”⁴⁶ até sugestões de como corrigir questões físicas, como “defeitos mecânicos dos pés”⁴⁷ e pernas arqueadas.

São tantas as prescrições físicas que por vezes a sensação é de que se está lendo um manual ortopédico escrito por um médico ou fisioterapeuta. Educar a postura não seria uma “escolha”, mas um imperativo para a mulher que desejasse construir esse *habitus*, independentemente do objetivo a ser alcançado – fosse ele a carreira de manequim, o casamento ou a construção de uma fundação de arte. Alcançar a postura adequada se mostra tarefa árdua, exigindo esforço e dedicação: “A única forma de ensinar ao corpo o que é correto é lutando com ele o tempo inteiro”⁴⁸.

A ideia de condicionar o corpo a um comportamento por repetição, de tal modo que nos pareça que o que foi aprendido é intrínseco à natureza humana, é fruto do processo civilizador (ELIAS, [1939] 2011). Uma vez que novas regras são assimiladas, deixa de ser necessário prescrevê-las: “Finalmente, um dia, esta luta entre corpo e mente terá fim, pois o corpo se acostumará a manter-se na postura correta automaticamente”⁴⁹. Chama a atenção

⁴³ *Linguagem do corpo*, volume 1. Maria Augusta Studius, p. 1.

⁴⁴ *Linguagem do corpo*, volume 1. Maria Augusta Studius, p. 7.

⁴⁵ *Linguagem do corpo*, volume 1. Maria Augusta Studius, p. 3.

⁴⁶ *Linguagem do corpo*, volume 1. Maria Augusta Studius, p. 21.

⁴⁷ *Linguagem do corpo*, volume 1. Maria Augusta Studius, p. 11.

⁴⁸ *Linguagem do corpo*, volume 1. Maria Augusta Studius, p. 3.

⁴⁹ *Linguagem do corpo*, volume 1. Maria Augusta Studius, p. 3.

também a quantidade de páginas minuciosamente dedicadas às descrições de “exercícios de trabalho corporal” para fortalecer, alongar, prevenir flacidez, afinar. São exercícios para a face, olhos, pescoço, braços, ombros, mãos, busto, tórax, diafragma, cintura, ventre (“Não pode haver elegância de porte se há uma barriguinha atrapalhando a silhueta”⁵⁰), quadris e nádegas, coxas (para afinar ou aumentar), joelhos, pernas, tornozelos, pés, até os dedos dos pés.

Uma hipótese para essa profusão de orientações é que foi na década de 1980 que “malhar o corpo em academias, parques, grandes avenidas, condomínios fechados e praias modificou o antigo imaginário dos clubes” (SANT’ANNA, 2014, p. 77), e possivelmente Maria Augusta entendeu que precisava também atuar nessa frente. A associação entre postura e confiança é reforçada com uma sugestão: de que a mulher se olhe no espelho para “certificar-se de como uma postura correta e imponente contribui para aumentar sua elegância e embelezar sua aparência. Essa certeza lhe trará confiança em si mesma, sempre renovada”⁵¹.

No volume 2 da apostila, o discurso de embelezamento e educação do corpo como ativo para a mulher é dedicado ao ensino de poses, ao aprendizado do que fazer com o próprio corpo e como se posicionar na vida social. “O número de variações que você pode injetar na própria postura surpreenderá você”⁵², ensina o guia. Aprender “apenas uma postura correta dificilmente constituirá a postura por excelência”⁵³, era preciso “saber o que fazer com os braços, mãos e pés”⁵⁴, pois “uma mesma pose, embora graciosa, não constituirá a posição adequada para todos e quaisquer momentos e ocasiões”⁵⁵. Ao lado da maioria das posições, há a indicação se é uma postura “profissional” (indicada para aspirantes a modelo) ou “social” (dedicada a mulheres “comuns”, que queriam “melhorar um pouco”⁵⁶).

E as possibilidades de “melhorar”, em tese, são muitas: aprende-se, por exemplo, que existem quatro posições básicas de pernas quando a mulher está sentada; que mudar a perna de um lado para o outro, cruzando-a, denota nervosismo (“logo saberão que você está nervosa ou pouco à vontade”⁵⁷) e que demonstrar esforço para se sentar e se levantar implica em “além de desgraciosa, dará a impressão de ter mais peso e idade do que tem”⁵⁸, o que seria um problema no contexto em que juventude e esbeltez eram enaltecidos.

De acordo com Sant’Anna (2014), é na década de 1960 que ocorrem os primeiros congressos europeus sobre envelhecimento da pele, que modificam os significados sobre o que é ruga. A pele impecavelmente lisa passa a ser valor importante. Conferir o próprio peso, algo que só era feito no consultório médico, também se torna um hábito, com balanças vendidas

⁵⁰ *Linguagem do corpo*, volume 1. Maria Augusta Studius, p. 60.

⁵¹ *Linguagem do corpo*, volume 1. Maria Augusta Studius, p. 103.

⁵² *Linguagem do corpo*, volume 2. Maria Augusta Studius, p. 104.

⁵³ *Linguagem do corpo*, volume 2. Maria Augusta Studius, p. 104.

⁵⁴ *Linguagem do corpo*, volume 2. Maria Augusta Studius, p. 104.

⁵⁵ *Linguagem do corpo*, volume 2. Maria Augusta Studius, p. 104.

⁵⁶ Operação Charme. **Manchete**, Rio de Janeiro, ed. 528, 1962, p. 54-59. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2020.

⁵⁷ *Linguagem do corpo*, volume 2. Maria Augusta Studius, p. 111.

⁵⁸ *Linguagem do corpo*, volume 2. Maria Augusta Studius, p. 111.

em drogarias e propaganda de produtos para emagrecer na imprensa. Assim, “uma nova valorização da magreza dos braços e pernas alongou a mulher e ampliou as possibilidades do embelezamento. Todo o corpo precisava ser trabalhado” (SANT’ANNA, 2014, p. 64-65), é o que ensinam didaticamente as apostilas aqui estudadas.

Como afirma Rodrigues (1986), os signos não verbais configuram uma linguagem coletiva como qualquer outra, e conhecer os limites do corpo e das condições de controle às quais ele deve ser submetido significa participar da vida social. Segundo a apostila de Maria Augusta, o jeito de andar revela muito sobre a pessoa: “Se observar alguém andar, de imediato, você formará uma opinião a seu respeito, porque o caminhar reflete a personalidade, o estado de espírito, a saúde”⁵⁹. O andar se configura, assim, como “uma arte, uma coordenação completa dos movimentos”⁶⁰. E mais: o objetivo central era aprender a ter um “andar deslizante”⁶¹. Essa expressão reflete, segundo as lições, um andar gracioso, elegante, equilibrado, coordenado, com flexibilidade e ritmo, que simboliza “não um toque apenas profissional, mas um atributo essencialmente feminino”⁶². A postura correta ao caminhar ou sentar-se eram “fatores importantíssimos para que as alunas se incluíssem na categoria de finas e educadas”⁶³. A contenção do corpo, por certo, garantia o êxito na vida social.

A ideia de que a educação do corpo proporcionava confiança e bem-estar, ingredientes necessários para a almejada emancipação da mulher, estava permanentemente presente nos discursos da Socila e de Maria Augusta. A própria projeção da escola, que se deu a partir das aulas dadas às filhas do então presidente JK, teve como cerne o ensino postural. Conta Maria Augusta que, ao ver uma reportagem sobre a Socila, a então primeira-dama d. Sarah se interessou pelas aulas para a filha Márcia, que teria um problema de coluna e se sentia muito mal com isso. “Era uma menina muito estudiosa, muito inteligente e tal, mas um pouco tímida”, disse Maria Augusta.

O problema de coluna era maior e Márcia precisou ser operada; mas mesmo necessitando de cirurgia, as aulas deram resultado, pois Maria Augusta lhe ensinou “alguns truques”⁶⁴: “Ensinei de botar um pouco a mão na cintura pra levantar o ombro que era mais caído, e com isso ela se sentiu mais segura, começou a frequentar a sociedade com mais liberdade e tal”. D. Sarah teria se surpreendido ao ver que Márcia, em geral muito tímida em reuniões sociais, foi o centro das atenções de um grupo de jovens em uma viagem da família à Portugal. De acordo com Maria Augusta, Márcia “se soltou completamente”⁶⁵.

⁵⁹ *Linguagem do corpo*, volume 2. Maria Augusta *Studius*, p. 168.

⁶⁰ *Linguagem do corpo*, volume 2. Maria Augusta *Studius*, p. 171.

⁶¹ *Linguagem do corpo*, volume 2. Maria Augusta *Studius*, p. 171.

⁶² *Linguagem do corpo*, volume 2. Maria Augusta *Studius*, p. 171.

⁶³ A batuta mágica. *Revista Carioquice*, seção Chão de Estrelas. Instituto Cultural Cravo Albin, Rio de Janeiro. Ano II, número 5, abr./maio/jun. 2005, p. 56-61. Edição em PDF.

⁶⁴ Entrevista com Maria Augusta. Programa Almanaque, *GloboNews*, exibido em 22 de agosto de 2005. Acervo pessoal. Acesso em: 15 de fevereiro de 2021.

⁶⁵ Entrevista com Maria Augusta. Programa Almanaque, *GloboNews*, exibido em 22 de agosto de 2005. Acervo pessoal. Acesso em: 15 de fevereiro de 2021.

Considerações finais

Maria Augusta e Anna Delvey construíram suas fachadas. Anna busca os signos que lhe possibilitem ser reconhecida como herdeira, milionária, mesmo sem possuir o capital econômico que fingia ter. Quando é desmascarada, mantém a fachada e chega a contratar uma estilista para vesti-la em seu julgamento – fazendo dele um palco de representação, como fala Goffman ([1959] 2014). Já Maria Augusta primava por valores morais, foi muito discreta, reclamou quando foi retratada na minissérie *JK* como personagem que, segundo ela, tinha “hábitos morais duvidosos”, e certamente se envergonharia de ser presa e fazer do seu julgamento um espetáculo. Maria Augusta educou; Anna ludibriou.

As fachadas para representação de si mesmas são construídas, como mostrou o sociólogo Norbert Elias ([1939] 2011) ao estudar tratados de civilidade, desde o século XIII e aponta a importância do cerimonial da sociedade de corte para a incorporação da etiqueta e das boas maneiras à ideia de civilidade e cortesia. No caso do Brasil, os manuais de civilidade funcionaram como guias para um novo mundo quando a Corte Portuguesa chegou ao Rio de Janeiro e provocou uma “europeização dos costumes”. Dos anos 1950 aos 1970, a Socila desempenhou esse papel; e ainda hoje mantém seu legado com uma unidade na Tijuca, no Rio de Janeiro⁶⁶, em cujas redes sociais se posiciona com o slogan “Excelência para sempre”, anunciando “etiqueta, modelagem, beleza e estética, *make* (maquiagem), mesa posta, imagem pessoal”; e Socila Escola⁶⁷, localizada em Belo Horizonte (MG), com funcionamento *on-line* e oferta de cursos de etiqueta social e profissional, como *Os segredos da elegância*, que promete eliminar a “insegurança social”⁶⁸.

A maior diferença talvez resida na temporalidade: enquanto no século XX, Maria Augusta ensinava educação e beleza como gênero de primeira necessidade, como códigos a serem aprendidos pela mulher que almejava o casamento, Anna Delvey cultivou sua fachada de empreendedora que desejava construir uma fundação, almejando ser vista como herdeira alemã “legítima”, nas palavras do amigo estilista. Os objetivos, claro, foram mudando com os tempos, mas a distinção pela construção da fachada pela moda, pelos modos, pela *hexis* corporal, pelo aprendizado do *habitus*, continua existindo. Afinal, como diz o célebre trecho de Oscar Wilde ([1890], 2011) em *O retrato de Dorian Gray*, “considero a beleza a maravilha das maravilhas. Só as pessoas superficiais não julgam pelas aparências” (WILDE, 2011, *ebook*, p. 43).

⁶⁶ Página na rede social Facebook: <https://www.facebook.com/Socilaforever>. Na rede social Instagram: https://www.instagram.com/socila_forever/. Acesso em: 2 fev. 2022.

⁶⁷ Página na rede social Instagram: <https://www.instagram.com/socilaetiqueta/>. Site oficial: <https://socilaescola.com.br/>. Acesso em: 2 fev. 2022.

⁶⁸ Ambas as instituições não têm ligação direta com Maria Augusta. A marca não foi protegida pelos meios legais (MEDEIROS, 2022).

Referências

- BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In: DEL PRIORE, Mary (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos). **História das mulheres no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002. p. 607-637.
- BONADIO, Maria Claudia. Dignidade, celibato e bom comportamento: relatos sobre a profissão de modelo e manequim no Brasil dos anos 1960. **Cadernos Pagu**, n. 22, p. 47-81, 2004. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644631> Acesso em: 20 abr. 2021.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- CARRASCOSA, João (ed). **O Brasil na moda** (Backstage – vol. 1 e 2). São Paulo: Editora Caras, 2003.
- CHARTIER, Roger [1986] (org.). **História da vida privada, volume 3: da Renascença ao Século das Luzes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- CIDREIRA, Renata P. A moda como modo de vida. **dObras[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, [S. l.]**, v. 3, n. 5, p. 56–61, 2009. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/309>. Acesso em: 18 mar. 2022.
- ELIAS, Norbert [1939]. **O processo civilizador, volume 1: Uma história dos costumes**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- GOFFMAN, Erving [1959]. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.
- GOFFMAN, Erving [1963]. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- GORBERG, Marissa. Parc Royal: um magazine na modernidade carioca. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC. Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. **Fundação Getúlio Vargas**. Rio de Janeiro, 2013.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.
- LISPECTOR, Clarice [1977]. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 45.
- MEDEIROS, Maria Carolina El-Huaik de. Regras de convivência: um estudo sobre etiqueta e manuais de civilidade no Brasil. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

MEDEIROS, Maria Carolina El-Huaik de. *Essa fez Socila: narrativas sobre etiqueta, socialização feminina e aperfeiçoamento social da mulher*. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

NEIVA, Renata M. de O. *Pedagogias da beleza: a história da educação do corpo feminino no Correio da Manhã (1925-1972)*. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.

PERROT, Michelle [2006]. **Minha história das mulheres**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

PILLA, Maria Cecília Barreto Amorim. *A arte de receber: distinção e poder à boa mesa – 1900-1970*. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2004.

PIRES, Beatriz Ferreira, CIDREIRA, Renata Pitombo. *Politeísmo corporal: por uma cultura da diversidade*. **XVII Enecult** – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador, Bahia, 23 a 30 de julho de 2021.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. *A distinção e suas normas: leituras e leitores dos manuais de etiqueta e civilidade – Rio de Janeiro, século XIX*. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 8, número 1-2, p. 139-152, jan./dez. 1995.

REVEL, Jacques [1986]. *Os usos da civilidade*. In: **História da vida privada, volume 3: da Renascença ao Século das Luzes**. Org. Roger Chartier. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

RODRIGUES, José Carlos [1979]. **O tabu do corpo**. 4. edição. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. **História da beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

SUFICIER, Darbi Masson *et al.* *A noção bourdieusiana de *hexis* corporal em teses e dissertações brasileiras*. **Estudos de Sociologia**, v. 26, n. 51, 2021.

VELHO, Gilberto. **Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana**. Rio de Janeiro, Zahar, 2013. Edição em PDF.

VIGARELLO, Georges. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2011. Versão para *kindle*.

Sites consultados

Acervo digital do jornal *O Globo*. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>.

Acervo digital da Revista *Manchete*. **Hemeroteca da Biblioteca Nacional**. <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

Acervo digital da Revista *O Cruzeiro*. **Hemeroteca da Biblioteca Nacional**. <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

Agradecimentos

Revisora do texto: Ana Carolina Carvalho. E-mail: carvalho.carol@uol.com.br